

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS. O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”

f Emancipação Socialista

(11) 98702-4048

www.emancipacaosocialista.org

Nº 5 15/09 a 14/10 de 2019

R\$ 2,00

UNIR A ESQUERDA ANTICAPITALISTA PARA ENFRENTAR OS PATRÕES E SEUS GOVERNOS



QUEIMADAS E DESMATAMENTO

**DESENVOLVIMENTO
CAPITALISTA E MEIO
AMBIENTE**

CORRELAÇÃO DE FORÇAS

**SITUAÇÃO POLÍTICA É
MARCADA PELA OFENSIVA DA
BURGUESIA**

LUTAR CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES

**APOIAR E AMPLIAR A
CAMPANHA “PETROBRÁS TEM
QUE SER DO POVO”**

ECONOMIA BRASILEIRA

**QUE OS RICOS PAGUEM PELA
CRISE!**

ESCOLA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO

**WITZEL, NO LUGAR DE
VERBAS, PÔE EX-MILITARES
ARMADOS NAS ESCOLAS**

CRISE NA ARGENTINA

**ENDIVIDAMENTO DOS PAÍSES
COM OS BANCOS E FMI:
ARROCHO, MISÉRIA...**

DA SÉRIE “PARECE PIADA, MAS É SÉRIO”

“QUEM TEM QUE CAIR FORA DO PSL É O FLÁVIO BOLSONARO...GOSTARIA QUE ELE SAÍSSE HOJE MESMO...DÁ MUITA VERGONHA PARA NÓS”



Frase do Senador Major Olímpio de São Paulo, defendendo a também Senadora Selma Arruda (MT) que está desembarcando do PSL. É daquelas brigas que devemos olhar de longe, pois não há nada que se aproveite dos envolvidos. O bom de tudo isso é ver cair a máscara de Flávio Bolsonaro, dono de laranjal no Rio de Janeiro, amigo e empregador de miliciano e protetor do Queiróz. Nem mesmo dentro do literalmente seu partido está fácil encontrar alguém para defendê-lo.

O QUE ROLA PELA LUTA DE CLASSES

Correios: o povo é contra a privatização

Segundo o jornal Folha de São Paulo, mais de 60% da população são contra a privatização de estatais, especialmente Petrobrás e Correios.

Mesmo assim, o governo anunciou que a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos será privatizada. A ECT teve lucros nos últimos dois anos, assim, Bolsonaro e o Ministro ultraliberal Paulo Guedes não perdem tempo. Procuram prejudicar a população e os 99 mil funcionários da empresa, mas beneficiar os capitalistas.

Países de dimensão continental como EUA, Austrália, China, Rússia e Canadá mantêm o Estado como provedor dos Correios. Privatizações que ocorreram em outros países como Argentina, Alemanha e Portugal foram revistas. O governo Bolsonaro já admitiu que vai fazer campanha para convencer a população a apoiar a privatização da ECT e, com a sua máquina de fake news, exigirá muita determinação de luta dos trabalhadores/



as de Correios e de toda a sociedade contra esse ataque.

O desmonte da ECT já vinha ocorrendo com sucessivos Planos de Demissão Voluntária e fechamento de agências, principalmente em cidades pequenas do interior. Uma empresa que promove a integração do país não pode ser entregue e nem de mão beijada aos grandes capitalistas que só promovem seus próprios lucros, como pretende Bolsonaro/Paulo Guedes.

Em 26 de setembro haverá grande mobilização em Brasília em favor de Correios.

É urgente e necessária uma campanha que unifique as lutas contra todas as privatizações que o governo Bolsonaro pretende fazer. A defesa dos direitos de trabalhadores/as e a luta direta contra a entrega de empresas estatais ao capital estrangeiro são tarefas de todos/as lutadoras organizados/as em frentes, comitês, fóruns, etc. contra todas as privatizações.

Alunos do CEFET do Rio de Janeiro expulsam interventor

Continuando a saga de intervenções nas instituições de ensino brasileiras o governo Bolsonaro, através do Ministro da Educação Abraham Weintraub, nomeou Maurício Aires Vieira diretor-geral do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso

Suckow da Fonseca, no Rio de Janeiro.

Contrariou assim a vontade da comunidade acadêmica que, em eleição no mês de abril, havia escolhido Maurício Motta para ocupar o cargo.

Na manhã de 19 de agosto, os estudantes fizeram um cordão humano e aos gritos de “fora interventor” o impediram que tomasse assento na instituição e o expulsaram do CEFET-RJ. O vídeo que registrou a manifestação dos estudantes viralizou na internet e deve servir de exemplo para o movimento estudantil de todo o Brasil onde houver intervenção.

Uma nova tentativa ocorreu, em 28 de agosto, de o interventor assumir o posto e, mais uma vez, os estudantes estavam organizados e firmes no propósito de não deixarem essa pessoa, que sequer faz parte dos servidores do CEFET e nunca havia pisado na instituição, assumir a sua direção. Os professores da instituição também se juntaram à luta.

Nessa última vez, os estudantes e servidores lotaram o auditório da instituição e demonstraram que estão muito bem organizados ao questionarem o interventor em todos os pormenores e não aceitarem essa política de intervenção no CEFET. Novos atos estão sendo convocados e a mobilização continua.

Fora interventor! Pelo CEFET eu digo, não à intervenção!



Brexit: Reino Unido da Grã-Bretanha

A vitória do Brexit, saída do Reino Unido da União Europeia, aconteceu em plebiscito de 2016 e até o momento não houve acordo sobre como será essa retirada. A União Europeia nunca foi, de fato, concebida para favorecer os trabalhadores europeus, os interesses burgueses sempre falaram mais alto.

No entanto, a saída do Reino Unido foi bastante influenciada por políticos de extrema-direita e num contexto de crise migratória, que reacendeu a xenofobia e utilizou uma forte campanha manipulatória nas redes sociais durante o plebiscito.

O último prazo para saída do Reino Unido vence em 31 de outubro. Só que o parlamento inglês aprovou uma lei que essa saída tem que ser negociada.

O atual primeiro-ministro Boris Johnson, favorável a uma saída sem acordo, manipula para que o acordo não aconteça e adotou a medida autoritária absurda de suspender as atividades do Parlamento, no que foi ajudado pela rainha. Ou seja, se vale de medidas antidemocráticas para conseguir o seu intento, o que aumenta o tamanho da crise britânica.

O imbróglio envolvendo o Brexit atinge também as Irlandas, uma vez que a República da Irlanda permanece na União Europeia e a Irlanda do Norte, por fazer parte do Reino Unido, não. Com o Brexit, barreiras terão que ser instaladas naquela região, o que pode reativar conflitos. Uma solução apontada seria criar uma exceção naquela área, onde permaneceria o tráfego livre de pessoas e mercadorias, mas partidos de direita temem que um sentimento de independência da Irlanda do Norte volte. E o impasse foi criado.

Como se vê, com ou sem Brexit, com ou sem acordo, os interesses dos trabalhadores ficam em segundo plano. Portanto, a crise na terra da rainha necessita ser aproveitada pelos trabalhadores a fim de que consigam impor suas pautas e seus interesses de classe.

EXPEDIENTE

O jornal **CONSCIÊNCIA DE CLASSE** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Também estamos abertos a contribuição de texto de ativista de esquerda mesmo de caráter crítico às nossas posições.

Emancipação Socialista

é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência as ideias de Marx, as quais não consideramos como um dogma e sim um método vivo para a análise da realidade e da luta prática revolucionária. Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições envie mensagem para contato@emancipacaosocialista.org

DIA PARECIA NOITE, MAS ERA QUEIMADA

MEIO AMBIENTE, BOLSONARO E O AGRONEGÓCIO

Bolsonaro é um presidente ignorante na maioria de assuntos que circulam no cotidiano e os que conhece, a exemplo as milícias, são bem desprezíveis. Em relação à preservação do Meio Ambiente chegou a sugerir “fazer cocô dia sim, dia não”.

A razão desse desprezo pelo Meio Ambiente é a defesa do agronegócio, sua principal base de apoio político e de financiamento de sua campanha.

Em outros governos se o discurso era de preservação ambiental, com Bolsonaro há uma política de liberalização do desmatamento e de destruição de forma deliberada.

Lembremos que no primeiro momento havia dito sobre a extinção do Ministério do Meio Ambiente mas, com a pressão manteve o ministério e nomeou Salles, ligado e financiado pelo agronegócio contra qualquer política de preservação ambiental.

Os outros setores da burguesia brasileira silenciam porque também se beneficiam financeiramente, pois os dólares que entram no país também servem para financiar e impulsionar a economia como comércio de máquina agrícolas, transporte, etc.

Bolsonaro também é aliado do agronegócio contra os povos da floresta. Em uma declaração recente (O Globo) foi enfático em dizer que esses povos atrapalham a produção: “Não pode continuar assim (...) Tem locais que, para produzir, você não vai produzir, porque não pode ir numa linha reta para exportar ou para vender, tem que fazer uma curva enorme para

desviar de um quilombola, uma terra indígena, uma área proteção ambiental. Estão acabando com o Brasil”

Por trás dessa declaração há a dita questão de que esses povos não podem atrapalhar o desenvolvimento do país. Mas, que desenvolvimento?

DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA COM PROTEÇÃO AMBIENTAL?

Antes de tudo precisamos entender que o capitalismo em seu processo produtivo (agrário ou industrial) é um sistema que destrói e desrespeita totalmente a natureza e para ter lucro, acaba com o que tiver pela frente.

No caso do agronegócio, para aumentar a produção expande-se a área de plantação e é exatamente onde vem ocorrendo queimadas, desmatamentos e ainda os assassinatos de povos como indígenas, quilombolas, camponeses e também ativistas ambientais.

Entender o que vem ocorrendo é importante porque o centro do problema não pode ser apenas “a forma dos humanos agirem”, mas a forma de produzir no capitalismo.

O desenvolvimento no capitalismo é incompatível com a preservação ambiental. E no campo brasileiro essa questão é bem evidente, pois o agronegócio é o maior destruidor de recursos naturais no país. Para citar dois exemplos: o Brasil é o maior consumidor de agrotóxico do mundo, com mais de 500 mil toneladas por ano (O Globo, 2017). E a pecuária é responsável por 80% do desmatamento no país (Brasil de Fato).



BOLSONARO INCENTIVA AS QUEIMADAS E OS DESMATAMENTOS

No dia 19 de agosto, em plena 3 horas da tarde, o céu em São Paulo escureceu repentinamente. Parecia noite, mas era um dos vários efeitos que as queimadas provocam.

Além da destruição em si, esse fenômeno provocou um amplo e interessante debate sobre a questão ambiental no país, ainda que sempre apareça de forma distorcida pois, a burguesia (principalmente o agronegócio), a grande imprensa e o governo não podem aprofundar esse debate.

As declarações de Bolsonaro contra a preservação do Meio Ambiente, de que as queimadas na Amazônia “são quase uma tradição”, da defesa de fazendeiros se armarem, a política de desmonte dos órgãos de fiscalização e as críticas às multas aplicadas pelo IBAMA atrapalham quem quer produzir. São também algumas das vezes que incentivou, mesmo que por vias indiretas, o desmatamento e as queimadas.

Muitas pessoas preferem atribuir esses episódios à “insanidade” de Bolsonaro, o que não explica as razões reais das queimadas e nem da destruição ambiental no país.

IMPERIALISMO DEFENDENDO MEIO AMBIENTE?

Quanto mais tempo o capitalismo continuar existindo mais vão aparecer pautas ambientais. E na busca de explicação desses problemas, a ideologia está presente.

De um lado a esquerda anticapitalista, com uma crítica radical relacionando a destruição ambiental ao desenvolvimento da produção capitalista e reivindica o ecossocialismo. Nesse campo estão vários movimentos sociais de defesa da terra e da vida de povos originários da floresta.

E de outro, os setores de direita (inclusive organizados em partidos) ligados à questão ambiental que culpabilizam o comportamento humano e propagam a ilusão reacionária de preservação ambiental no capitalismo. Marina Silva expressa bem essa posição.

Até mesmo a Noruega, por exemplo, como uma das maiores acionistas do mundo na atividade de mineração contamina territórios indígenas.

Com receio da pauta ser hegemônica pela esquerda até mesmo governos imperialistas entraram na disputa política. Macron da França e Angela Merkel da Alemanha, os mesmos que

jogam toneladas de bombas sobre povos rebelados, saíram defendendo a Amazônia e criticando o governo brasileiro como se não fizessem parte dos que destroem.

A LUTA AMBIENTAL É A LUTA CONTRA O CAPITALISMO

A produção capitalista tem uma lógica destrutiva que não pode ser alterada, é sua essência. Enquanto houver capitalismo haverá destruição ambiental.

Para nós a defesa do Meio Ambiente passa necessariamente por lutar contra o capitalismo e enfrentar a burguesia.

E como alternativa, além de eliminar a exploração, a propriedade privada, as classes e o Estado, uma sociedade socialista planeja seu funcionamento tendo as tecnologias desenvolvidas e utilizadas sem destruir a natureza.

Nesse processo também lutamos pelo direito dos povos indígenas e quilombolas terem seus territórios, pela desapropriação de propriedades que desmatam e destroem a natureza, pela Reforma Agrária sob controle dos trabalhadores para estruturar outras formas de produção de alimentos como produção orgânica, por exemplo, dentre outros pontos.



A CRISE ECONÔMICA VAI CONTINUAR. QUE OS RICOS PAGUEM POR ELA!

O gráfico ao final do texto mostra a evolução do PIB brasileiro nos últimos anos. É fácil verificar que a economia brasileira está em declínio desde 2013 e que o pequeno crescimento nos dois últimos anos não foi suficiente nem para recuperar as perdas de 2015 e 2016.

Não há sinais de recuperação, pelo contrário, até mesmo analistas do mercado financeiro reconhecem a continuidade da crise. Alguns elementos que comprovam essa tendência: desaceleração da economia em vários países (como China) e recessão em outros (como Alemanha) dificultam as exportações brasileiras; queda de investimentos público e privado em vários setores da economia como infraestrutura, maquinaria, endividamento das famílias, que leva a diminuição do consumo, etc.

A CRISE É DO CAPITALISMO E NÓS QUE PAGAMOS?

A cada crise a burguesia e seus governos vêm com o discurso de que todos devem se sacrificar e dar sua contribuição para se sair da crise, etc.

Mas, sabemos que não passa de conversa porque sempre vemos o aumento do desemprego, da miséria, da retirada de direitos, aumento da população em situação de rua e outras consequências

contra a classe trabalhadora.

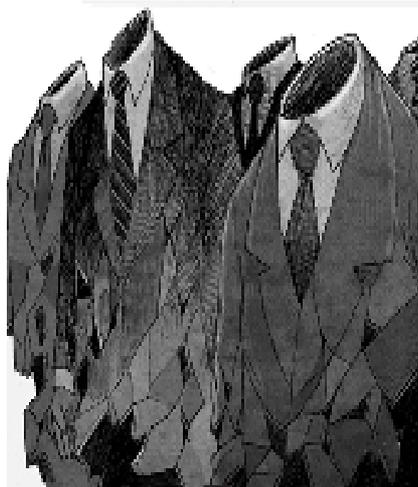
Os ricos não perdem nem na crise. É o caso da Reforma Trabalhista e da Lei da Terceirização que prometiam retomar a economia e mais

emprego, mas, o que estamos vendo são milhões de desempregados e os poucos empregos gerados são precários (trabalho intermitente, jornada e salário menores) e com salários mais baixos.

Tiram de trabalhadores para dar aos ricos. É assim que os capitalistas enfrentam a crise.

POR UMA SAÍDA DOS TRABALHADORES

Se não podemos esperar nada de empresários e nem desses governos, nós trabalhadores precisamos construir um plano de luta, defender um programa radical com reivindicações que solucionem a crise a nosso favor e que sejam os empresários que paguem: Redução da jornada de trabalho sem redução do salário para todos/as terem emprego; não pagar a dívida pública; estatização do sistema financeiro, Reformas Agrária e Urbana se ter o que comer e onde morar.



UMA SITUAÇÃO POLÍTICA DE OFENSIVA DA BURGUESIA

A eleição de Bolsonaro, por tudo que envolve, representou uma mudança profunda na situação política e alterou a correlação de forças entre as classes sociais. Não foi uma mudança superficial na realidade e atinge vários aspectos da vida social pois, além das mudanças institucionais,

serviu para despertar e fortalecer setores mais reacionários da sociedade.

A caracterização do momento político atual – se a mudança é na conjuntura ou na situação política – tem consequências importantes para as tarefas políticas colocadas para o movimento.

No nosso modo de ver, houve alteração da correlação de forças em favor da burguesia com uma situação política marcada por sua ofensiva global contra os direitos da classe trabalhadora de conjunto (Reforma Previdenciária, etc.), população indígena (para expansão de fronteira agrícola), Meio Ambiente, aumento da violência de Estado contra comunidades pobres como no Rio de Janeiro, censura de livros e peças de teatro, dentre outros.

Mudança da situação política em favor da burguesia não significa que não há resistência, pelo contrário, são tantos ataques contra tantos trabalhadores/as que não nos resta alternativa que não seja lutar.

Mas, uma das características de situações de ofensiva da burguesia é que as nossas lutas são mais duras, pois se deparam com burguesia e governo unidos e coesos.

LUTAR CONTRA BOLSONARO E PRINCIPALMENTE CONTRA O SISTEMA

Bolsonaro é um grande perigo para a classe trabalhadora. Com posições reacionárias ataca pobres, população indígena, população LGBTI, negros e garantias democráticas. É um governo que precisa ser derrotado.

Mas, é um erro atacar somente o

seu governo como se fosse o único problema que a classe trabalhadora enfrenta. Precisamos, a esquerda, sair da lógica imediatista e superficial da política que nos faz andar em círculos.

Não podemos desconsiderar na derrubada de um governo a importância do fato de não existir uma alternativa da classe trabalhadora. Isso faz um substituir outro governo igualmente burguês e até mais fortalecido para implementar medidas contra a classe trabalhadora.

Por isso, precisamos, a esquerda, retomar tarefas estratégicas como colocar com força a luta contra o sistema capitalista, aliás, Bolsonaro trabalha muito a imagem de “antissistema”.

Assim, devemos enfrentar todos esses ataques e denunciar Bolsonaro não como “maluco”, mas como governo necessário da democracia parlamentar burguesa e do sistema capitalista em crise. Focar a luta apenas no indivíduo serve como distração, não ataca os graves problemas que enfrentamos e não contribui para agilizar a destruição do capitalismo.

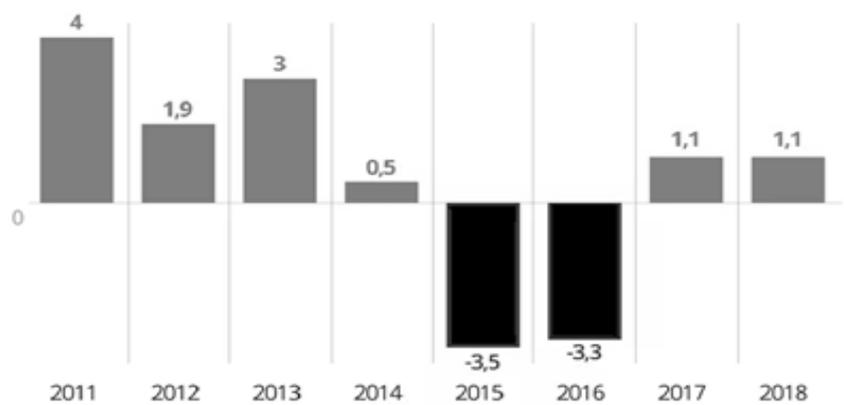
UMA FRENTE “DELES” CONTRA NÓS DA CLASSE TRABALHADORA

Para vermos como esse sistema funciona e como sua esfera de decisão está fora do Parlamento, ou seja, de fato quem manda são empresários e sistema financeiro basta observarmos:

Mesmo com todas as trapalhadas de Bolsonaro se formou uma grande Frente Contra Trabalhadores composta por: maioria dos partidos do Congresso Nacional, por Paulo Guedes, o STF representando o Judiciário e por grandes grupos econômicos brasileiros e internacionais interessados no dinheiro que vai sair dos trabalhadores.

Essa mesma Frente já está articulando outras medidas como a Reforma Tributária (aumenta impostos para pobres e libera para empresas).

Parte importante de nossa força política deve estar direcionada para destruir essa Frente Contrarrevolucionária, que visa impor ainda mais exploração contra a classe trabalhadora.



Evolução do PIB brasileiro nos últimos anos

Fonte: IBGE

POR UMA FRENTE DA ESQUERDA ANTICAPITALISTA PARA ENFRENTAR BOLSONARO E O CAPITALISMO

A DIREITA E A BURGUESIA ESTÃO UNIDAS

A eleição de Bolsonaro significou duro golpe para a classe trabalhadora e não só por conta dos ataques, também por tirar das sombras várias forças políticas reacionárias que se sentem fortalecidas.

Outro efeito é a unidade entre as frações da burguesia. O agronegócio, banqueiros, industriais e grandes comerciantes apoiam integralmente o governo. Estão muito felizes com as medidas econômicas, todas garantindo seus lucros.

No Congresso Nacional também há grande unidade envolvendo os vários partidos de direita, o que tem garantido a aprovação das reformas pró-capital, mesmo com as “trapalhadas” de Bolsonaro.

A ESQUERDA ANTICAPITALISTA PRECISA SE UNIR

Enquanto a direita tem se unido, a esquerda anticapitalista tem se mantido bastante desunida e fragmentada. Uma situação que só ajuda os nossos

inimigos de classe.

Essa desunião também desestimula muitas pessoas de participarem nas atividades da esquerda e demonstra fraqueza e desorganização perante a classe trabalhadora, a ponto de nem nos levarem a sério. Quantas vezes ouvimos: “como querem fazer Revolução divididos assim?”

A esquerda anticapitalista está dividida em vários agrupamentos, correntes e partidos com poucos militantes e, o pior, sem inserção real de sua maioria na luta de classes.

Para revertermos essa situação é fundamental a construção de um espaço de unidade da esquerda anticapitalista, um “bloco ou frente de oposição de esquerda anticapitalista” formada por partidos e organizações anticapitalistas e, também, por ativistas e lutadores independentes, que hoje não se empolgam com a militância nas atuais organizações/partidos mas, podem ser atraídos para essa frente de luta.

O programa da frente seria discutido e deliberado coletivamente, partindo de reivindicações imediatas como a luta contra o desemprego, a fome e que também apresente o socialismo e suas reivindicações como alternativas para acabar com o capitalismo.

Não é uma Frente com objetivo de disputar eleição, é para a organização da luta direta. A posição tática para cada processo eleitoral será discutida em cada momento.

RESTABELECE A FRATERNIDADE ENTRE OS REVOLUCIONÁRIOS

Uma frente não significa que as correntes e organizações devam abrir mão de sua independência, pelo contrário, cada coletivo mantém seus materiais, sua política e sua forma de se organizar. A diferença é que todos terão uma atuação político-prática com um programa anticapitalista único que nos ajude a ser uma referência para a classe trabalhadora.

Assim, como vemos a urgência e a necessidade de construção da unidade entre as forças de esquerda, também sabemos das dificuldades para avançar nessa construção porque na atualidade há muita desconfiança e atrito (muitas vezes por conta de disputas por aparatos) em seu interior.

Sem avançar para essa unidade programática vamos continuar isolados, sem condições de disputar a consciência de classe de trabalhadores e trabalhadoras e, ainda que possa parecer exagero nesse momento, nos condenar enquanto esquerda à marginalidade.

SUPERAR AS VELHAS DIREÇÕES PELEGAS

Nos 13 anos do PT no governo, a CUT se tornou totalmente imobilista e totalmente atrelada ao Estado. Funcionou como “órgão” de contenção do movimento. E com o impeachment de Dilma foi empurrada para a oposição novamente.

Mas, é uma oposição “comportada” que não organiza e nem mobiliza a classe trabalhadora, pelo



contrário, procura mantê-la sob controle. O melhor exemplo é a luta contra a Reforma da Previdência em que a CUT não preparou a Greve Geral e nos locais onde havia disposição para luta direta fez de tudo para segurar. Sabemos que mesmo

cumprindo esse papel a CUT ainda é a principal força do movimento social brasileiro, dessa forma, a existência de uma Frente da Esquerda Anticapitalista pode ajudar a impulsionar a construção de uma alternativa para a classe trabalhadora.

UM CONCLAT PARA UNIR A ESQUERDA TAMBÉM NO CAMPO SINDICAL

Na luta sindical a atuação da esquerda anticapitalista também é marcada pela fragmentação e por pouca inserção no movimento, principalmente o operário.

Esse é mais um elemento da crise pela qual passa a esquerda anticapitalista. E é bastante problemático ainda mais nesse momento em que se acentuam paralisias e traições de direções sindicais; derrotas como a Reforma Previdenciária; ataques aos direitos trabalhistas, perda de legitimidade dos sindicatos, etc.

Essa realidade de ataques, que deverão se aprofundar, tem demonstrado que a fragmentação da esquerda anticapitalista tem sido um obstáculo para a organização e a radicalização da luta direta, além de não contribuir para o crescimento de sua influência junto a classe trabalhadora brasileira de conjunto.

Dessa forma, se no campo político defendemos a constituição de uma Frente de Esquerda Anticapitalista conformada a partir de um programa de ruptura com o capitalismo e contra o governo, no campo sindical defendemos uma nova central sindical com a unidade da CSP-Conlutas,

as Intersindicais, a Unidade Classista (PCB) e outros agrupamentos da esquerda anticapitalista.

Essa proposta de nova central sindical necessita ser debatida e construída em um Encontro/Congresso Nacional da Classe Trabalhadora com participação efetiva de trabalhadoras e trabalhadores de base das diversas categorias e desempregados.

Essa nova Central deve ser, ao nosso modo de ver, desde o seu início, construída e ter democracia interna, respeito às diferenças, medidas contra a burocratização e o aparelhamento.

Sabemos das dificuldades para essa proposta ser aceita, principalmente pelas correntes maiores e até mesmo do movimento sindical combativo devido às pressões aparatistas.

Mas, não podemos permitir que isso contribua para que a burguesia continue seus ataques enquanto a esquerda anticapitalista atue ou repita erros das burocracias sindicais que sempre atuaram como se “fossem donas” das entidades sindicais e dos percursos das lutas. Unidade da esquerda para a luta anticapitalista!

POR QUE SÓ DA ESQUERDA ANTICAPITALISTA?

O termo esquerda não quer dizer muito no Brasil. PT, PC do B e até PSB se reivindicam como esquerda, mas onde são governos implementam os mesmos ajustes contra a classe trabalhadora. Até por isso a direita se aproveita e passa a vincular esses absurdos à esquerda e ao socialismo. E o pior é que convencem muita gente.

Por isso, precisamos fazer essa diferenciação. Anticapitalismo quer dizer ser contra o sistema, contra a exploração capitalista e contribui para a defesa de um sistema social em que a classe trabalhadora seja o poder, ou seja, onde tenhamos a democracia operária.

RIO DE JANEIRO: NÃO À “ESCOLA DA BALA”

A Educação pública, tem sido atacada de diversas formas inclusive em sua autonomia e subsistência com a política neoliberal, autoritária e reacionária de Estado mínimo dos governos Bolsonaro, Witzel, Crivella e o ministro da Educação Weintraub.

A Escola é espaço de liberdade de conhecimento, expressão e diálogo. E que a abertura da gestão escolar à comunidade (estudantes, professores, funcionários, responsáveis) deve ser ampliada visando a construção de uma escola democrática com voz e vez a todos/as, de qualidade, gratuita e laica.

No Rio de Janeiro, o processo de militarização se manifesta pelo projeto “Cuidar”, que insere militares reformados nas escolas para ocupar cargos de portaria e coordenação de alunos, ganhando R\$ 2 mil). O objetivo, conforme os criadores, é disciplinar a juventude que se encontra “perdida” à mercê de professores doutrinadores aliados à esquerda e ao comunismo.

Não bastasse isto, o projeto e seus defensores resgatam paradigmas superados há séculos pela humanidade como o “terrapijanismo” e defendem dogmas religiosos nos conteúdos das disciplinas, o que demonstra o nível de retrocesso que passa o país.

As críticas ao projeto são muitas: A começar pelo fato de o governador dizer não ter dinheiro para reajustar o salário de servidores, bastante defasado pelos 6 anos sem reajuste. Isto é, deveria utilizar esse dinheiro para reajustar os salários, reformar escolas, climatizar salas de aula, organizar concurso para ofertar trabalho ao grande número de desempregados. Mas, não. O governo direciona essa quantia para egressos das Forças Armadas, já com ótimas aposentadorias.

Contudo, o principal a ser observado e combatido é o subentendido no projeto: patrulhamento ideológico de cunho político-partidário e religioso dirigido à liberdade de pensamento e manifestação e à autonomia pedagógica, principalmente em relação às disciplinas que estimulam o pensamento crítico como Sociologia, Filosofia e História.

Evidencia-se, assim, que a Escola (aparelho ideológico por natureza, absorvida pelo Estado neoliberal, autoritário e repressor) com a



finalidade primeira de controlar a classe trabalhadora de conjunto – para impedir que se organize e lute contra a opressão e a burguesia, contra o Estado mínimo e o terrorismo de Estado – e de conduzi-la a ocupar não só postos de trabalho de mão-de-obra barata e desregulamentada para o mercado, mas também para ampliar o contingente militar para reprimir trabalhadores.

Dessa forma, a juventude detém possibilidade de barrar e derrubar governos. Vimos isto nos atos em maio e não é de hoje que mostra força. As ocupações de escolas deram exemplo de força e capacidade organizativa. Além de escolas estaduais, a FAETEC, o Pedro II e alguns Institutos de universidades foram ocupados para denunciar o descaso com a Educação pública.

Representa, por isso, perigo para quem oprime a classe trabalhadora. Então neutralizá-la importa muito aos fascistas de todos os níveis no Executivo.

Óbvio que buscam reprimir novos e maiores movimentos de estudantes e, por isso, querem militarizar escolas. Usam como desculpa as tragédias escolares como a de Realengo (RJ) e Suzano (SP), dizendo que impedirão a entrada de pessoas armada na escola. Projetos como este não diminuirão a violência covarde nas periferias e comunidades no entorno da maioria de escolas.

Cotidianamente estudantes perdem aulas por causa de operações policiais, em tiroteios e mortes de jovens, crianças e trabalhadores/as. A juventude da periferia nunca se sentirá protegida com a presença do braço armado do Estado no ambiente escolar, pois sabe que é o alvo desse aparato policial.

Em nome de uma Escola Livre e Laica, repudiamos o Projeto “Cuidar”, a Escola da Mordça e toda forma de repressão ao livre pensamento e à manifestação/organização da juventude.



AMPLIAR A CAMPANHA “PETROBRÁS TEM QUE SER DO POVO”

Em meio as crises capitalistas, as privatizações avançam a passos largos. Não são somente empresas e instituições da área de serviços, são também importantes e estratégicos setores que estão na mira dos capitalistas do setor financeiro.

São dezenas de empresas na lista para serem entregues à iniciativa privada como Correios, refinarias da Petrobrás, Casa da Moeda, Eletrobrás, etc. No setor da Educação é o *Future-se*, considerado um projeto para privatização de universidades e institutos federais de ensino que ficarão à mercê de interesses do mercado caso queiram sobreviver.

Mas, já temos resistência. Várias universidades federais já estão mobilizadas contra o Future-se, inclusive com ocupação. Trabalhadores e trabalhadoras dos Correios iniciaram greve nacional contra a privatização e atinge todos os estados.

PETRÓLEO: O OURO NEGRO

Um dos alvos mais cobiçados para privatização é a Petrobrás e as jazidas de petróleo e gás ainda não exploradas. No segundo trimestre desse ano o lucro da Petrobrás foi quase 20 bilhões de reais, ou seja, uma empresa lucrativa.

O governo já assumiu que faz estudos para preparar a privatização. Na verdade, trata-se de um plano antigo com sucessivas gestões tomando várias medidas para justificar para a população a privatização. A forma como foi conduzida a Lava-Jato, por exemplo, seguiu nessa direção de desprestigiar a empresa e fortalecer a ideia de que o único caminho é vendê-la.

Mesmo com a propaganda massiva, a última pesquisa indicou que a maioria da população é contra as privatizações, incluindo a da Petrobrás. Por isso, ao ser onde enfrenta maior resistência, ela deve ser uma das últimas.

Privatizar a Petrobrás significa abrir mão de um projeto nacional para o país, pois há imensas quantidades de petróleo e gás para serem explorados, ou seja, além de todo o ativo (prédios, plataformas, etc.) há uma riqueza enorme e incalculável no subsolo brasileiro que poderia ser destinada ao desenvolvimento nacional. Mas sabemos que há muito tempo estão sendo impostas formas mascaradas de privatização como as concessões, partilhas e parcerias com o setor privado.

POR UMA CAMPANHA NACIONAL CONTRA TODAS AS PRIVATIZAÇÕES

As campanhas salariais de trabalhadores/as da Petrobrás e Correios estão cruzadas com a luta contra a privatização dessas empresas.

Sob mando de Bolsonaro e Paulo Guedes as duas empresas querem impor derrotas aos trabalhadores, retirar vários direitos conquistados há anos e facilitar o caminho para as privatizações. E como falamos a lista é grande.

Cada empresa privatizada significa a entrega da riqueza nacional para grupos privados que ficam mais ricos e buscam ainda maior exploração, o que prejudica de imediato o povo.

Por isso, é necessário e urgente ampliarmos as lutas contra as privatizações, que as centrais sindicais, sindicatos e demais entidades do movimento social engrossem campanhas de denúncia e esclarecimento para que a classe trabalhadora de conjunto entenda o que se perde com cada uma dessas empresas, universidades, escolas públicas privatizadas.

PETROBRÁS TEM QUE SER DO POVO

A FNP (Federação Nacional dos Petroleiros), que reúne vários sindicatos do país, lançou a Campanha “Petrobrás tem que ser do povo” como forma de conscientizar a população sobre os prejuízos que as pessoas, principalmente as mais pobres, terão com a privatização.

A campanha criou vários materiais como adesivos, abaixo-assinado online, vídeos e materiais para serem reproduzidos. Todos estão no <https://bit.ly/2ZsOcOp>.

Essa campanha não pode ficar somente entre Petroleiros, os demais sindicatos e entidades de luta e de defesa de trabalhadores necessitam incorporá-la urgente e levar o debate para outras categorias profissionais e demais setores da população.

- ◆ Contra as privatizações!
- ◆ Monopólio da Petrobrás sobre todo o petróleo e gás;
- ◆ Petrobrás 100% estatal sob controle dos trabalhadores;
- ◆ Suspensão imediata da venda de ativos e de leilões de petróleo e gás. Reversão dos já realizados.

A CRISE ARGENTINA E O ENDIVIDAMENTO DOS PAÍSES COM O SISTEMA FINANCEIRO INTERNACIONAL

No 28 de agosto, o Ministro da Fazenda do presidente argentino Mauricio Macri, Hernan Lacunza, anunciou que o seu país vai fazer o “reperfilamento” da dívida.

Apesar do tom ameno, com escolha de palavras para não caracterizar tom de enfrentamento ao sistema financeiro internacional e, assim, manter a posição de submissão do país aos banqueiros, em outras palavras o que a Argentina decretou foi a moratória a uma linha de crédito de 57 bilhões de dólares com o Fundo Monetário Internacional, com o objetivo de estender os prazos de pagamento desse e de outros empréstimos.

Longe de ser um calote ou default (quando os pagamentos são suspensos sem notificação prévia) ou mesmo uma moratória unilateral (quando os prazos e condições são impostos pelo devedor ao credor), a moratória argentina é unilateral, no entanto, é negociada e o governo argentino pretende discutir com o FMI e detentores de bônus novos prazos para pagamentos.

No que se refere às dívidas de curto prazo, Macri anunciou que vai pagar somente 15% do total dentro do prazo, o que caracteriza dessa forma o aspecto unilateral da moratória.

Não são de hoje os problemas do Estado argentino com o FMI. Nos anos 1980, Raúl Alfonsín decretou moratória do

pagamento da dívida externa para, em seguida, ser copiado por José Sarney, no Brasil, em 1987. Em 2001, antes de ser deposto pelo “Argentinaço”, Fernando de La Rúa também decretou moratória da dívida.

O mergulho da Argentina no abismo é sintomático e sua economia deve encolher 1,3% nesse ano. Reflexo disso é que em reunião recente com o FMI, o candidato peronista e favorito às eleições presidenciais de final de ano, Alberto Fernandez, culpou a instituição pela “catástrofe social do país”. Entretanto, assim como Macri, Fernandez e sua vice Cristina Kirchner não falam em dar calote na dívida externa, única saída possível para salvar o país.

A situação da Argentina de endividamento com os banqueiros não é uma particularidade do nosso país vizinho. A dívida pública do Brasil com banqueiros nacionais e internacionais, que consome quase 50% do Produto Interno Bruto, teve um aumento de 8,9% no ano de 2018, em junho passado subiu mais 2,24% chegando a R\$ 3,97 trilhões e pode terminar 2019 em R\$ 4,3 trilhões. Os países periféricos têm 212% de seus PIBs comprometidos com dívidas aos banqueiros.

O “PROBLEMA” DA DÍVIDA PÚBLICA TAMBÉM AFETA AS POTÊNCIAS ECONÔMICAS

Já as duas maiores potências do mundo (EUA e China) apresentam números alarmantes em relação ao endividamento de suas economias.

Sob o governo Donald Trump a dívida pública norte-americana consome 78% do PIB, já ultrapassa US\$ 22 trilhões (equivalentes a R\$ 85 trilhões).

Para enxergarmos a gravidade do problema, antes da crise de 2008, a dívida pública dos EUA era 35% do PIB e hoje é mais do que o dobro. Paralelamente, a dívida pública da China pode chegar a 149% do PIB em 2020. Em números gerais, o endividamento global é de 250 trilhões de dólares ou 317% do PIB mundial, ou seja, mais de três vezes da riqueza do planeta.

JOGAM SOBRE AS COSTAS DOS TRABALHADORES

A conta do endividamento público (que garante a orgia de lucros dos banqueiros) é sempre paga por trabalhadores/as e população pobre. Em primeiro lugar, são restringidos os investimentos do Estado em obras e serviços públicos, importante impulso para o aquecimento da economia capitalista. Em segundo lugar, para garantir o pagamento dessas dívidas, os governos retiram direitos como vimos, no Brasil em 2017, com a Reforma Trabalhista, estamos vendo com a Reforma Previdência e com a tentativa de implantação do “Future-se” (ao estilo OSs na Saúde) nas universidades públicas. No Brasil, se dados de início de 2019 apontavam que



55 milhões viviam abaixo da linha de pobreza, nos EUA são quase 45 milhões na pobreza e na União Europeia 113 milhões enfrentam situação de pobreza e exclusão social.

Como vemos, existe uma generalização da crise, como expressão da crise estrutural do Capital, que colocou não somente a classe trabalhadora dos países periféricos no centro dos ataques, mas também a classe trabalhadora dos países centrais.

A globalização deu um salto de qualidade no aumento do capital especulativo, crescimento que mostra também resultados da queda da taxa de lucro, pois é mais rentável para os capitalistas comprar títulos da dívida do que reinvestir na produção, gerar empregos, renda, e, para tanto, qualificar trabalhador com boa saúde, Educação, habitação e alimentação.

Os Estados, no capitalismo financeirizado e globalizado, se despiram de seus disfarces (“o Estado de Bem Estar Social” dos anos de 1940 a 1970) e, sem pudor

nenhum, são âncoras para garantir a farra de banqueiros e de grandes corporações, seja como salvaguarda financeira como vimos na crise de 2008, seja no aumento do aparato de coerção e repressão (fisco, polícia e Forças Armadas) para subjugar ainda mais as classes subalternas à tutela dos Estados pelos bancos.

NÃO PAGAR A DÍVIDA PÚBLICA, NEM INTERNA E NEM EXTERNA

Por fim, uma política dos trabalhadores para o não pagamento da dívida pública assume um aspecto transicional de ruptura com o capital, haja vista que a simples menção de uma tímida auditoria cria até arrepios em banqueiros e especialistas.

É uma utopia reacionária acreditar que se pode pagar dívida pública, como fez Syriza na Grécia em 2015, capitulando à “Troika” (FMI, Banco Central Europeu, Comissão Europeia) e traíndo o “Não!”, que levou milhares às ruas. Retornemos a palavra de ordem de “Não pagamento da dívida externa e interna”. Reeditemos c a m p a n h a s internacionais de rua, como as dos anos de 1980, que elegeram **23 de outubro como Dia Internacional pelo Não Pagamento da Dívida Externa!**



Manifestação em Buenos Aires contra o FMI

BACURAU, O CINEMA QUE NOS REDIME

Leonardo (RJ)

Tendo sido lançado em 29 de agosto, Bacurau talvez seja um dos filmes brasileiros com maior repercussão no período mais recente do cinema nacional.

A obra é dirigida por Kléber Mendonça Filho (responsável pelo roteiro de “O Som ao Redor” e “Aquarius”) e Juliano Dornelles (dirigiu “O Ateliê da Rua do Brum”).

A película ainda conta com uma gama de artistas estrangeiros, com destaque para a boa atuação de Udo Kier, ator alemão conhecido por atuar em filmes de terror.

E com certeza a atriz nacional mais conhecida do público é Sônia Braga de “O Beijo da Mulher Aranha”, “Tieta do Agreste”, “A Dama do Lotação” e “Dona Flor e seus Dois Maridos”, numa simples e belíssima interpretação. Porém, em termos de encenação, o que mais surpreende é a atuação do elenco nacional não tão famoso. Destaque para o ator Silvero Pereira, que interpreta o personagem Lunga.

Tentando explicar o filme, sem contar e sem tirar a vontade das pessoas de assistirem, é importante dizer que a história se passa num futuro não muito distante, que Bacurau é uma cidade, na verdade uma vila, um pequeno povoado no oeste de Pernambuco, extremamente semelhante a inúmeras cidades brasileiras.

Um lugarejo bem pequeno, com

poucas ruas, uma igreja, um posto de saúde e nada muito além disso, típica localidade do interior onde todos se conhecem e um velório é um acontecimento importante demais que reúne toda a população numa só casa.

A partir de um acontecimento desses tão comum e rotineiro que, logo no começo da narrativa, o local, as personagens principais e a população do vilarejo nos são apresentadas. E é aí que se descortina essa gente humilde, sofrida e, acima de tudo, unida. Destaca-se também a direção de arte e a fotografia do filme.

É difícil categorizar Bacurau, embora alguns críticos digam que é um suspense, o filme apresenta elementos de drama, terror, épico e ação. Trata-se de um filme denso, tenso e complexo em vários elementos sem ser complicado de se entender.

Tem no roteiro algo inacreditável e impossível, mas não tão distante da realidade. Ao fazer uso de uma série de metáforas e alusões conseguimos perceber nuances sutis ou menções mais diretas e traçar um paralelo com uma série de personagens e fatos de nossa história e do mundo.

Estão lá as referências ao Lampião, Maria Bonita e Cangaço; questão da seca provocada e os lucros que gera para alguns; coronelismo; voto de cabresto; racismo; êxodo rural; latifúndio; beleza do repente; tecnologia moderna;

violência; preconceito do Sul do Brasil com o Nordeste e os Nordestinos; preconceito de europeus com brasileiros, cerimônias religiosas e tradições no enterro dos mortos; prostituição, costumes das pessoas do interior; drogas; direito à autodefesa dos povos e uma longa lista de fatos e fatores que realmente só assistindo o filme.

Como mostrado na obra Bacurau não está no mapa, assim, talvez, como o Brasil e os brasileiros não estão no mapa Mundial, por assim dizer.

Ao sair do cinema tem-se um turbilhão de ideias na mente e muita vontade de ver o filme pelo menos mais uma vez. Até porque é muito fácil de se identificar com a população local de Bacurau: pobre, negra e do interior com vez, voz e vontade próprias.

Sem entregar o final, dessa vez os mais fracos saem vitoriosos. É algo como um Davi contra Golias. Talvez até por isso mesmo o longa-metragem esteja fazendo tanto sucesso. Afinal, a população de Bacurau está muito bem caracterizada, ao contrário do que assistimos, por exemplo, numa novela da Globo ou da Record.

A impressão que se tem é que são pessoas realmente simples, do interior, nordestinos e não artistas contratados que estudaram seus personagens e os estão interpretando.



O filme flui como uma naturalidade impressionante, prende a atenção dos telespectadores realmente como poucos já vistos. Tem o mérito de desnudar preconceitos como o do inimigo interno (o traficante preto e pobre da favela) para mostrar que existem muitos interesses estrangeiros voltados para o nosso país.

E que com a cumplicidade de uma elite brasileira (gringos que podem ser representados, por exemplo, por grandes multinacionais) esses estrangeiros estão, já faz muito tempo, nos prejudicando e acabando com nossas riquezas naturais, destruindo a Amazônia, dentre outros.

Bacurau tem ainda o grande mérito de chamar o povo, o brasileiro, a classe trabalhadora, está aí mais uma das metáforas da obra, a lutar e a resistir por ainda acreditar na mudança.

Altamente recomendado. Um excelente filme, fora dos padrões mais recentes do cinema nacional que, tem apostado muito em comédias até repetitivas, por sua vez faz o espectador pensar. E isso já é fantástico!

MARIGHELLA: DO FUZILAMENTO À TENTATIVA DE APAGAR A SUA HISTÓRIA

O filme Marighella não vai mais estreiar no dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra. A razão, segundo a própria produtora, foi por conta de “trâmites burocráticos”, não cumprimento de alguns prazos, como avisar a ANCINE (Agência Nacional de Cinema) com 90 dias de antecedência a data do lançamento.

Mas, não precisamos muito esforço para entender as questões políticas em torno do

filme. Primeiro porque retrata Marighella, guerrilheiro da ALN, fuzilado em emboscada pelo assassino Delegado Fleury, era o mais odiado pela ditadura, ódio que a direita continua cultivando.

Segundo, pela operação desmonte da ANCINE promovida pelo governo Bolsonaro com desligamento do diretor-presidente, corte orçamentário, falta de funcionários e a campanha contra o financiamento de



produções fora do arco ideológico de direita. Segundo funcionários (O Globo) esses problemas em circunstâncias normais seriam resolvidos rapidamente.

Segundo Wagner Moura, o diretor do filme, “É impossível não pensar que existe uma

articulação política para criar esse tipo de ambiente”, afirmação com a qual concordamos.

Desde a exibição no festival de Berlim de cinema, quando foi aplaudido de pé, o filme vendo sofrendo vários tipos de ataques da direita brasileira como a campanha para rebaixar a avaliação do filme no site do IMDB (Internet Movie Database), site estadunidense especializado em informações sobre cinema e produções de TV, onde também é possível fazer avaliações de produções. Mesmo sem ter assistido, a nota para o filme chegou a ter como média 2,9.

E as negativas da ANCINE, comemoradas e incentivadas por Carlos Bolsonaro, é só mais uma delas.

Ainda não há data para a estreia no circuito nacional. A depender dos órgãos sob controle de Bolsonaro não vai estreiar nunca. De nossa parte a luta por manter viva a história dos militantes comunistas que dedicaram suas vidas a luta contra o capitalismo e como parte dessa luta, exigir da produtora a liberação do filme para exibições públicas nos bairros, entidades de luta, sindicatos, etc.

Assim, o filme cumpre sua função de chegar ao povo e nós de mantermos vivo Marighella.